

*O MEZ DA GRIPPE:*

DA CALAMIDADE PÚBLICA À ESTÉTICA HÍBRIDA

Dra. BRUNILDA REICHMANN  
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE  
Curitiba, Paraná, Brazil  
brunilda.reichmann@gmail.com

Dr. PAULO SANDRINI  
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE  
Curitiba, Paraná, Brazil  
paulosandriner@gmail.com

RESUMO: Neste artigo abordamos dois aspectos de *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier – a composição gráfica e a geração de sentido por meio das referências históricas na obra. Na primeira parte, utilizando o conceito de paratextualidade de Gérard Genette, analisaremos algumas características gráficas da obra, tão diversas das encontradas no romance e na novela tradicionais, que circundam a narrativa de Dona Lúcia, uma sobrevivente da gripe espanhola. Na segunda, procuraremos demonstrar, à luz de Wolfgang Iser e seus conceitos de espaços vazios ou pontos de indeterminação, leitor implícito e assimetria entre texto e leitor, como as referências históricas podem aumentar o repertório daquele que lê. Consequentemente, há geração de sentidos na obra, não apenas a partir de projeções pessoais, mas por meio das correções ou mesmo do abandono de tais projeções no decorrer da leitura, partindo de alguns elementos fornecidos pelo próprio texto.

Palavras-chaves: Gripe espanhola. *Graphic novel*. Geração de sentidos.

Artigo recebido em: 29 set. 2018.  
Aceito em: 20 out. 2018.

*O MEZ DA GRIPPE:*

FROM PUBLIC CALAMITY TO AESTHETIC HIBRIDITY

**ABSTRACT:** In this article, we discuss two aspects of *O mez da gripe* by Valêncio Xavier – graphic composition and the generation of meanings through historical references in the work. In the first part, using Gérard Genette's concept of paratextuality, we analyze some graphic characteristics of the work that enfold Dona Lúcia's narrative, different from those found in the traditional novel and romance. In the second, we seek to demonstrate, in the light of Wolfgang Iser and his concepts of empty spaces or points of indeterminacy, implicit reader and asymmetry between text and reader, how historical references can increase the reader's repertoire. Consequently, meanings are generated in the text, not only by personal projections, but by corrections or even the abandonment of such projections in the course of reading, starting from some elements provided by the text itself.

**Keywords:** Spanish flu. Graphic novel. Generation of meanings.

*Neste ano – 2018 – lembramos com pesar o centenário da pandemia – gripe espanhola – que matou mais de 20 milhões de pessoas no mundo.*

Valêncio Xavier, ao publicar a “novella” *O mez da gripe*, pela Fundação Cultural de Curitiba, em 1981, levou ao público leitor um texto com formato até então inédito entre escritores brasileiros – o romance gráfico ou, utilizando a expressão estrangeira consagrada, a *graphic novel*. Boris Schnaiderman, no ensaio publicado na *Revista USP*, n. 16, “*O mez da gripe* – um coro a muitas vozes”, escreve que “Valêncio Xavier é um destes artistas que conseguiu trazer para o texto escrito a experiência adquirida em outros meios de expressão” e acrescenta que o caminho do autor “está marcado por uma relação entre palavra e imagem, imagem e movimento, o preto e branco da página, prosa e verso, jornalismo e ficção” (SCHNAIDERMAN, 1993, p. 103). E, podemos acrescentar, entre a micro (Curitiba e a gripe na cidade) e a macronarrativa (a pandemia e a Primeira Guerra Mundial). Décio Pignatari, então professor de pós-graduação

em Curitiba, ao se deparar, em uma livraria, com a obra *O mez da gripe*, compra um exemplar para cada um de seus alunos, demonstrando seu entusiasmo ao encontrar um “verdadeiro romance gráfico”. Assim, fica de início conhecida a obra de Valêncio Xavier nos meios acadêmicos da capital do Paraná. A obra completa do autor foi relançada em 1998, com o título de *O mez da gripe e outros livros*, pela Companhia das Letras, conservando a diagramação das primeiras edições.

### O MEZ DA GRIPPE: A COMPOSIÇÃO GRÁFICA E A MICRONARRATIVA

Valêncio Xavier não é, no cenário internacional, o primeiro escritor a fazer uso desse “gênero literário”. Will Eisner, artista norte-americano, publica, em 1978, a obra intitulada *A Contract with God*, considerada a primeira *graphic novel*, livro sério, com histórias complexas e enigmáticas, publicado nos Estados Unidos, versando sobre a vida “insalubre”, física e emocionalmente falando, de moradores de um prédio de apartamentos. Esta obra popularizou a expressão *graphic novel*, apontando Eisner como seu precursor. Ainda assim, Eisner teve como inspiração os romances ilustrados de Lynd Ward, outro artista conterrâneo, que estudou xilogravura com o mestre alemão Hans Alexander Mueller e teve contato com os trabalhos ilustrados do belga Frans Masereel e do alemão Otto Nuckel, enquanto estudava na Alemanha.

Usualmente traduzimos o termo “*novel*” em inglês por “romance”, mas, parece que ao acrescentar, na capa de seu livro, a palavra “*novella*”, Valêncio Xavier está realmente mais próximo ao conceito de novela na sua obra: uma narrativa menos extensa e pretensiosa, com um número menor de personagens e uma ambição artística diferenciada. Segundo o blog Censanet, as *graphic novels*

contêm uma história fechada, com início, meio e fim. As *Graphic Novels* não são periódicos, porém como os filmes, podem adquirir uma seqüência ou continuação, mas nunca serão séries de banca. Outra característica comum é a estilização do artista. Por serem histórias fechadas, são histórias mais longas, com maior desenvolvimento e por isso são escolhidos bons artistas para concebê-las graficamente. Seu formato e sua impressão também ganham mais destaque. Devido ao tamanho da história, um formato pequeno exigiria maior número de páginas o que a tornaria desconfortável para ler. Normalmente a encadernação é mais detalhada, e a qualidade do papel é superior.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As histórias em quadrinhos, tirinhas de jornal ou gibis, anteriores e contemporâneas a de Will Eisner, diferenciam-se dos romances gráficos principalmente porque são publicadas em séries e têm várias características que lhe são peculiares, assim como o uso de ilustrações com cores

(<http://blog.censanet.com.br/2012/05/graphic-novel-ou-hq-historia-em-quadrinhos/>)

A *Contract with God* e *O mez da gripe*, apesar de ambas serem consideradas *graphic novels*, diferenciam-se de modo significativo entre si: a primeira (ver Fig. 1) contém quatro histórias, é uma publicação com capa dura, preta, com título e nome do autor em dourado (primeira edição), semelhante a publicações da Bíblia, miolo com papel semelhante ao Polen Bold e desenhos e textos em sêpia; o conteúdo é para adultos, as histórias beiram a literatura do absurdo; a segunda, *O mez da gripe*, é uma edição *paperback*, pb, inclusive a capa, gramatura que deixa transparecer sombras das imagens impressas no verso da página; é também um livro para adultos, um texto híbrido composto por desenhos, reproduções e colagens, notícias e propagandas publicadas em jornais, narrativas reduzidas e fragmentadas, estrofes de poemas, espaços vazios (ver Fig. 2). Em segundo lugar, deparamo-nos em Eisner com uma narrativa híbrida ficcional verossimilhante que, de certa forma, retrata o estado de espírito dos norte-americanos durante a grande depressão nos Estados Unidos. Lemos sobre o comportamento idiossincrático de pessoas, mas o autor não aborda a grande depressão em si. A obra de Valêncio Xavier versa diretamente sobre a gripe espanhola em Curitiba (micronarrativa), uma calamidade que assolou o Brasil e o mundo, e tem por interlocutora a Primeira Guerra Mundial (macronarrativa).

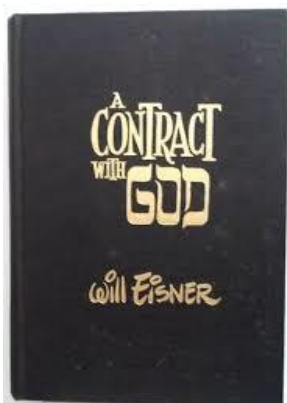


Fig. 1 – Capa de *A Contract with God*.

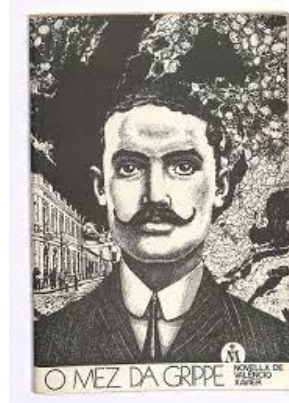


Fig. 2 – Capa de *O mez da gripe*.

---

saturadas, o desenho beirando à caricatura, a utilização de papel com gramatura menor e o apelo à comicidade, ao romantismo “barato”, ao detetivesco, ao fantástico e a temas de terror.

REICHMANN, Brunilda; SANDRINI, Paulo. *O mez da gripe* – da calamidade pública à estética híbrida. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 90-109.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.



Fig. 3 – Página de *A Contract*...



Fig. 4 – Página de *O mez*...

Em *O mez da gripe*, portanto, temos contato com a história da pandemia – a gripe espanhola – que atraca no porto de Paranaguá, trazida pelo navio Demerara, se alastra serra acima até Curitiba, em 1918. Lemos notícias, propagandas e depoimentos publicados nos jornais da época. Deparamo-nos com colunas de jornal em branco. Seguimos os passos de um homem que faz sexo oral com uma desconhecida alemã, inconsciente pela febre, por meio de sua lírica erótica, escutamos outras vozes poéticas e breves relatos de uma sobrevivente. Portanto, o romance gráfico de Valêncio Xavier é também um registro histórico e jornalístico, um delírio poético e uma narrativa reduzida com sabor novo historicista, fazendo com que o leitor vivencie a calamidade do início do século XX, em uma pequena cidade – uma calamidade apreendida microscopicamente, mas que, na realidade, se alastra pelo mundo e dizima um número maior de pessoas do que a Primeira Guerra Mundial.

Se atentarmos à construção de *O mez da gripe* tendo em mente as cinco manifestações da transtextualidade elaboradas por Gérard Genette, em seu livro *Palimpsestos: literatura de segunda mão* (2006), a paratextualidade parece estar não apenas nos elementos externos ao texto principal. Ela invade o texto em si, que é constituído principalmente de colagens, publicações externas, que se tornam material interno, ficcional. É no caráter dúbio do discurso histórico e na estatística não necessariamente precisa que se tem informações sobre as consequências da pandemia e sobre Primeira Guerra Mundial em Curitiba. É por meio do caráter dúbio da narrativa ficcional de Valêncio Xavier que leitores hodiernos recebem essas informações.

A paratextualidade, segundo Genette (2006), é formada por

título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que

REICHMANN, Brunilda; SANDRINI, Paulo. *O mez da gripe* – da calamidade pública à estética híbrida. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 90-109.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.

fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2006, p. 9-10)

Já no primeiro encontro com o livro, somos remetidos a 1918 pelo português arcaico utilizado pelo autor, semelhante à linguagem das muitas colagens de publicações daquele ano, incluídas no livro. O título, *O mez da gripe*, novella de Valêncio Xavier, com a letra M em caixa alta e uma cruz acima, no centro, preenche o fundo branco que arremata, ao pé da página, a imagem da capa. Essa imagem – um desenho em close de um homem de rosto retangular, olhar *sanpaku*<sup>2</sup>, voltado para dentro de si, cabelos, sobrancelhas e bigodes negros, lábios sensuais, nariz retilíneo – tem como pano de fundo, à esquerda de quem olha, um desenho de prédios do Largo da Ordem em Curitiba (centro histórico da cidade) e pessoas que por ali transitam ou conversam. Emoldurando o rosto, do lado direito, emanações da rua se transformam em nuvens formadas por crânios, deixando transparecer a escuridão da noite nos espaços vazios (ver Fig. 2). Na segunda capa, nenhuma informação. Na terceira, a ficha catalográfica da obra, com destaque ao nome do artista que criou a capa: o desenhista e pintor Rones Dumke. Novamente, a obra é classificada como “Novela brasileira”. Na quarta capa, a impressão do logo da Imprensa Oficial e o local de publicação:

CIDADE DE CURITIBA  
**CASA ROMÁRIO MARTINS**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA**

As páginas 1 e 2 estão em branco, seguidas de uma nota introdutória não ao leitor, mas “de leitor”, que, com exceção do título, está toda em itálico, datada “Curitiba, 11 de fevereiro de 1981”, e assinada por Francisco Bettega Netto.

**VERLER**  
**NOTA DE LEITOR**

*Disse-me o Valêncio ser o livro “uma novela”.*  
*Então, passará a constituir-se novela tudo aquilo que o autor assim nominar (parodiando Mário de Andrade, claro).*

---

<sup>2</sup> Olhos *sanpaku*, significa, em japonês, olhos com “três brancos”, dois laterais e outro acima ou abaixo da íris. Geralmente denota, segundo os estudiosos, perturbação mental ou desequilíbrio emocional. Há também uma maldição relacionada a pessoas com esse olhar – morte violenta e prematura. Como exemplo são citados, entre outros, Michael Jackson e Lady Di, ambos com *sanpaku eyes*.

*Para mim trata-se, evidentemente, de um livro-colagem. Isto bem poderia sugerir então um simples jogo; mas, mais que um inconsequente quebra-cabeça, o livro é mesmo um exercício. Um exercício de pura linguagem visual. Exercício de (hábil) montagem do autor; exercício de (provocante) remontagem do leitor (?).  
Uma obra aberta, portanto. [...]*

E por aí vai Bettega Netto, falando dos “vários níveis de leitura” do livro, das características da “obra literária”, dos “recursos cinematográficos”, da “linguagem eminentemente visual”, do “conjunto gráfico” – “maior força transformadora a envolver o leitor situando-o na época dos eventos narrados (pois ia dizer ‘visualizados’; ou também levantados documentalmente. Ou não seria exato igualmente dizer: ‘tombados?’)” (p. 3)<sup>3</sup>. Vemos, portanto, que já no título da nota de leitor – a palavra composta “VERLER” – sugere o encontro do leitor com imagens para serem vistas e textos (reproduções de textos escritos manualmente, datilografados ou graficamente compostos) para serem lidos, e a junção dos dois verbos sugere uma interação/um diálogo entre eles.

A epígrafe, de Marquês de Sade, aristocrata e escritor francês da segunda metade do século XVIII, descreve corpos amontoados em diferentes graus de decomposição, feitos de cera: “essa macabra execução... não poderia ser, nem mais expressiva, nem mais verdadeira” (p. 5), associando a imagem descrita a imagens de morte pela calamidade pública que ocorre em 1918, imagens que remetem a consequências da Primeira Guerra Mundial e imagens que profetizam cenas aterradoras, como o massacre de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, a acontecer décadas depois.

O texto em si tem início na página 7 com o calendário do mês de outubro de 1918 e o subtítulo: *Alguma coisa*, ao pé da página (p. 10). Toda a narrativa, com exceção da primeira página, é datada e segue uma ordem cronológica, cobrindo do dia 20 de outubro ao dia 03 de dezembro de 1918. Na página 33 inicia-se o “Mês de novembro”, sem a imagem do calendário, com o subtítulo: *O mez da gripe*, quando não há mais como esconder, pelas autoridades sanitárias, que a gripe estava matando muita gente em Curitiba. Registra também a anistia entre os países envolvidos na guerra e seu término que, ironicamente, acontece durante o mês em que um maior número de pessoas morre de gripe na cidade. “Mês de dezembro”, tampouco sem o calendário, tem o seguinte subtítulo: *A última letra do alfabeto* (p. 65), com o retorno a informações sobre a vida social e o término da epidemia em Curitiba. Os calendários, portanto, nos conduzem linearmente durante a leitura, registrando diariamente o desenvolvimento da gripe em Curitiba e trazendo notícias sobre a Primeira Guerra Mundial.

---

<sup>3</sup> Todas as referências a *O mez da gripe* são documentadas com o número da página da primeira edição do livro. A informação completa sobre a obra encontra-se nas Referências, no final deste trabalho.

Resumindo, o olhar do leitor segue, nas páginas de *O mez da Grippe*, reproduções de notícias publicadas nos jornais de Curitiba, que versam sobre a epidemia e a guerra, a medicina sanitária, o espiritismo e a homeopatia, a hostilidade entre brasileiros e alemães, a anistia entre os países em guerra, o término da guerra e o aumento do número de mortos pela epidemia no início de novembro, a propaganda de lojas, desinfetantes, xaropes, pomadas para os seios, etc., a vida social de Curitiba. Deparamo-nos também com reproduções de informações e recomendações do Dr. Trajano Reis, Diretor do Serviço Sanitário; do Sr. Ricardo Negrão Filho, Secretário do Serviço Sanitário; do Ministério de Justiça e Negócios Interiores – Serviço de Profilaxia Rural do Paraná; e com o Decreto 133 do Sr. João Antonio Xavier, Prefeito de Curitiba. Desenhos que caracterizam a cidade e pessoas de Curitiba na época: o Largo da Ordem, Praça Municipal de Curitiba, Sede do Jornal Diário da Tarde, Hospício N. S. da Luz, assim como reproduções de cartões postais com dizeres em alemão ou português e telegramas sobre o término da guerra, notícia esperada e benfazeja para leitores sequiosos por voltar à vida normal, se bem que a Primeira Guerra Mundial, como acontecimento, nunca invadiu o território nacional.

Em termos de micronarrativas, temos pelo menos três narrativas de pessoas que viveram em Curitiba na época – a narrativa construída com as estrofes poéticas eróticas do homem de bigode negro, a narrativa em negrito, que também extrapola a sanidade humana, e a narrativa de Dona Lúcia, a mais coerente das micronarrativas dentro da macronarrativa.

A linha narrativa de Dona Lúcia, uma sobrevivente da gripe espanhola, 58 anos após a epidemia, em 1976, contrapõe-se à narrativa suscitada pelas narrativas oficiais, ao discurso histórico que será abordado na segunda parte deste trabalho. Portanto, ao desenvolver sua obra, Valêncio Xavier insere informações históricas, oficiais ou oficiosas, em contraponto à narrativa de Dona Lúcia, trazendo para seu texto uma das características do novo historicismo, aquela que se afasta das informações / discursos de fontes oficiais e se volta para o relato de uma pessoa comum, que vivenciou, mesmo que ficcionalmente, aquele momento histórico (GREENBLATT, 1991).

A narrativa de Dona Lúcia apresenta algumas peculiaridades: às vezes parece que ela responde a perguntas feitas por um interlocutor silencioso, narratário de sua narrativa oral, em outras parece que voluntaria informações ao ouvinte, no final, parece que ela não passou totalmente ilesa pela febre alta provocada pela gripe, pois dá informações contraditórias sobre a mesma mulher alemã, possivelmente a que foi abusada pelo homem de bigode negro. Podemos aventar também a possibilidade de que o desencontro de informações na narrativa de Dona Lúcia se dá devido ao distanciamento temporal do fato ou à sua idade avançada.



Respostas de Dona Lúcia a possíveis questionamentos, quando diz: “Fiquei, sim...” (p. 20), “É, folhas de eucalipto...” (p. 25), “Como saber quantos morreram?... (p. 35), “Ali, naquela casa...” (p. 38), além de parecer que responde a questionamento, parece estar caminhando com seu interlocutor pelas ruas de Curitiba. Algumas informações aparentemente voluntárias de Dona Lúcia: descrição dos enterros (p. 11), de famílias inteiras mortas (p. 17), a falta de medicamentos (p. 22), as consequências da febre nas mentes das pessoas (p. 28), a falta de mortalhas e caixões (p. 29), “Morava um casal de alemães... a mulher... seu nome era Clara” (único nome mencionado na sua narrativa), etc. Demoremo-nos um pouco aqui para ver como a narrativa de Dona Lúcia dialoga com a descrição da mesma pessoa feita pelo agressor:

“Morava um casal de alemães, a mulher alta, loira, muito bonita. Clara, isso seu nome era Clara. Não recebiam muita visita, não se davam com a gente do bairro. Os dois caíram com gripe, ninguém notou. Imagine os dois, um num quarto, outro no outro, sofrendo sem assistência. Passaram muitos dias até que uma vizinha lá entrou e encontrou os dois.”

DONA LÚCIA – 1976 (p. 39)

Vejamos agora a descrição da mulher loira, inconsciente, feita pelo agressor que invade a moradia do casal:

Mãos grandes como de cavalo.  
A direita assentada sobre o lento respirar do seio rijo.  
A esquerda, a da aliança por sobre o lençol branco  
Branco braço nú, parca seara de louros pelos (p. 19)  
[...]  
Nada mais me importa agora  
nem a mancha do gôzo em minha calça  
Nem paletó cheguei a tirar  
O marido?  
tosse que ecoa por toda a casa... (p. 57)

A mulher “alta e loira” descrita por Dona Lúcia é observada pelo agressor que fala da “seara de pelos loiros” em seu braço. “Um num quarto e outro no outro” remete ao local em que se encontra o marido – fora do quarto – e a que ele fora reduzido. “O marido? / tosse que ecoa por toda a casa”. A mulher jaz inconsciente e o marido é uma tosse que ecoa.

Seguindo os últimos trechos da narrativa de Dona Lúcia... Quando é publicado o anúncio da missa e os agradecimentos do marido (e filhos) pela presença no velório de sua esposa Clara Margareth Heisler, temos três versões

diferentes de Dona Lúcia, anteriores e posteriores à primeira e segunda publicações: a narrativa sobre o casal de alemães tem início na página 39, citação já incluída na página anterior, depois ela acrescenta:

“... Não, não estavam mortos, não, mas quase. Tiveram que levar os dois para o hospital.” (p. 43) [...]

“Não sei bem no que o marido trabalhava, acho que era dono de alguma coisa. Eles quase não falavam com os vizinhos. O marido passava fora o dia inteiro.” (p. 48) [...]

“O que a gente via era a mulher, no quintal, cuidando de alguma coisa. Muito branca, alta, o cabelo bem comprido brilhando mesmo quando não tinha sol. Loiro.” (p. 50) [...]

“Ela, a mulher, nunca mais ficou de juízo perfeito. Passava uns tempos boa, até ter um filho, criança linda. De repente, dava assim como uma tristeza nela, saía a andar sozinha pelas ruas, sempre com um vidrinho de veneno nas mãos. Nunca largava o veneno, mesmo quando estava normal, alegre com o marido e o filho...” (p. 62) [...]

“... até que, um dia, tomou o veneno na rua, morreu, acharam ela já morta. Foi muito tempo depois, acho que foi lá por 30.” (p. 71 – passagem que antecede a primeira publicação do marido com convite para a missa em memória à Clara) (ver Fig. 5) [...]



Fig. 5: Xavier, 1981, p. 71.



Fig. 6: Xavier, 1981, p. 72.

“... moça bonita, solteira, morreu de gripe. Não resistiu a febre forte. Muito branca, alta, cabelo loiro bem comprido. Morreu na gripe.” (p. 71 – passagem que segue a primeira publicação) [...]

“Não, ela morreu na gripe. O marido se salvou, mas ela morreu. Vi o corpo, muito branca, cabelo branco de tão loiro, mortalha branca.” (p. 71 – passagem que antecede a segunda publicação, agora do marido e filhos) (ver Fig. 6) [...]

“Não, na época ela não era casada. Moça bonita, solteira. Muito branca, loira. Casou, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça. Tinha períodos de lucidez, casou depois da gripe, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça.” (p. 71 – passagem que segue a segunda publicação).

DONA LÚCIA – 1976

O fato de Dona Lúcia ter dito “Morava um casal de alemães, a mulher alta, loira, muito bonita. Clara, isso seu nome era Clara”, na página 39, parece indicar que este era o único casal de alemães que morava por perto e que via a mulher regularmente. Todas as descrições de Clara são semelhantes, o nome completo aparece nas publicações dos convites para a missa, mas as narrativas de Dona Lúcia são contraditórias, possivelmente uma reflexão do autor sobre vida > insanidade > morte, assunto que é também tratado nas notícias sobre os internos no Hospício Nossa Senhora da Luz de Curitiba.

#### O MEZ DA GRIPE: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS E GERAÇÃO DE SENTIDOS

Ao observarmos outros detalhes da ficção, perceberemos o porquê de *O mez da gripe* ser uma narrativa que, se interpretada a partir de uma abordagem histórica, disponibiliza ao leitor um conjunto de orientações internas com a função de guiar a obtenção de significados diante dos espaços de indeterminação surgidos entre as justaposições dos fragmentos que compõem a obra.

Este segundo momento do artigo tenciona, então, proporcionar uma leitura que encontre referências no texto da História. A saber: qual a relação direta entre a Primeira Guerra Mundial e a gripe espanhola no Brasil? E a partir dessa questão, trazer à luz o pensamento iseriano de que “a relação entre texto e leitor é bem-sucedida apenas se as representações são modificadas” (ISER, 1999, p. 103). Ou seja, como o ato de leitura que se utiliza de elementos referentes à História pode promover a dissolução da assimetria<sup>4</sup> dominante entre texto e leitor, levando-se em consideração ainda que para Iser não se chega de modo aleatório a um resultado de leitura. O texto pressupõe, dá a chave, e as entradas para geração de sentido podem ser múltiplas. A História, neste caso, é uma delas.

Na página inicial de *O mez da gripe* (Fig. 7), temos um fragmento de jornal a enunciar: “A paz está interrompida”. E o enunciado que se segue ao

---

<sup>4</sup> Ou parte dela, pois tem-se consciência de que só a base histórica não daria conta de toda a análise e geração de sentido para a obra literária, neste caso.

título evidencia que o processo de pacificação interrompido se dá entre Aliados, liderados pelos Estados Unidos (sob comando do presidente Wilson), e as forças alemãs. A seguir, vemos o relatório do Dr. Trajano Reis, diretor do Serviço Sanitário, tratando do processo de contaminação (por uma “moléstia”) de alguns moradores da cidade de Paranaguá, litoral paranaense. Contaminação que se dá ao receberem visita de uns parentes vindos do Rio de Janeiro, Morretes e Antonina e que traziam consigo o “mal incubado”.

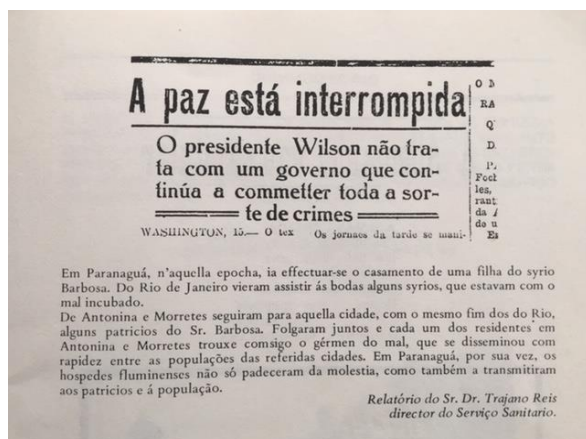


Fig. 7: Xavier, 1981, p. 9.

Tal paralelismo que ocorre entre a Primeira Guerra, no seu declínio, e o evento da gripe espanhola no Brasil (tendo Curitiba como centro das atenções por ser o espaço ficcional da obra) trespassa toda a narrativa. A Primeira Guerra é um dos poucos eventos que se acha (de início) fora do contexto espacial de Curitiba, onde se dão praticamente todas as demais ações e fatos da obra. Assim como é a contaminação, pela “moléstia”, lá em Paranaguá, logo no começo da história. Tem-se, então, desde o trecho inicial de *O mez da gripe*, essa lacuna, essa indeterminação sobre qual seria a relação direta que se pode estabelecer entre guerra mundial e gripe espanhola. E isso, como poderemos perceber, tem uma função primordial na condução (para o leitor) da geração de significados. Para Iser (1999), o processo de comunicação se coloca em movimento e se regula não por conta de um código, mas a partir da dialética que se dá entre mostrar e ocultar; o não-dito como estimulador dos atos de constituição. No entanto, tal produtividade de leitura é controlada pelo dito, e este, por sua vez, se altera quando, ao final, vem à luz aquilo a que se referia.

Ao se desconsiderar a “ponte histórica” entre gripe e guerra presente em *O mez da gripe*, pode-se incorrer em um menor entendimento acerca das justaposições entre os fragmentos que tratam da Primeira Guerra e os que tratam da gripe em Curitiba. Isso nos faz pensar, portanto, em como a programação do texto pode alterar as interpretações de “caráter subjetivo”, visto que “O texto

permite, com certeza, várias leituras, mas não autoriza qualquer leitura” (JOUVE, 2002, p. 25).

De acordo com Iser, a interação entre texto e leitor fracassa quando o último aciona somente suas projeções, deixando ao largo as possibilidades diversas fornecidas pelo próprio texto (citado em LIMA, 2002, p. 51). Colocando de outro modo, a leitura fracassa no momento em que “as projeções do leitor se sobrepõem ao texto sem enfrentar resistência por parte deste” (ISER, 1999, p. 103). Apenas se as representações forem modificadas, o texto poderá gerar uma multiplicidade de representações para o leitor. Assim, a assimetria dominante começa a se dissolver para dar lugar à comunicação por meio de uma situação comum. Segundo Iser (1999), a complexa estrutura do texto, entretanto, dificulta a ocupação definitiva, por parte do leitor, de tal situação; as dificuldades mostram que o leitor precisa abandonar ou reajustar suas representações, corrigindo, assim, as representações mobilizadas, fazendo com que surja um horizonte de referências para a situação. Uma referência – que tem a possibilidade de ser encontrada (programada pelo texto) em *O mez da gripe*, e que se acha dentro de uma perspectiva histórica, como já observado – é a Primeira Guerra e sua relação com a gripe espanhola no Brasil. Mas em que momento da ficção de Valêncio Xavier pode ser feita tal relação de modo mais direto?

Ao fim da primeira leitura, talvez passem despercebidos alguns detalhes fundamentais para que se possa estabelecer tal relação. O principal deles está na página 23. O primeiro fragmento de jornal (Fig. 8) que surge nesta página vem com a notícia: “A peste da guerra aqui importada pelo ‘Demerara’ e recebida com o carinhoso título de ‘puchapucha!’”. Acima, no canto direito, temos a figura de um navio negro. O termo “peste da guerra” pode confundir o leitor mais desatento, que corre o risco de relacionar o fragmento do navio apenas com a aproximação do Brasil em relação à guerra.



Fig. 8: Xavier, 2981, p. 23.

Contudo, se o leitor se propuser a uma segunda leitura, como demanda a complexidade desta ficção de Valêncio Xavier – e aqui nos lembramos de Jouve (2002, p. 30), para quem “Desde que uma obra seja minimamente construída, a releitura não é apenas desejável: é necessária” –, perceberá que a “peste da

guerra” funciona como uma omissão do termo “peste da gripe”. Demerara é o nome de um dos navios que provavelmente inoculou o vírus influenza em nosso país. A contaminação dos primeiros brasileiros teria se dado após a embarcação aportar em Dacar (cidade amplamente contaminada), no Senegal. Sobre esse fato, diz a historiadora Liane Maria Bertucci-Martins (2003):

Depois das muitas histórias sobre os passageiros do Demerara, que teriam desembarcado (doentes?) no país, escrevendo sobre esse outro navio que chegava, o jornal de São Paulo *O Combate* não titubeou em anunciar de maneira explosiva: “A ‘espanhola’ já chegou ao Brasil”. Mesmo com texto que colocava em termos relativos a contundente afirmação, o impacto sobre as pessoas deve ter sido grande.

Esta é uma referência histórica que possibilita evitar que a compreensão se torne imprecisa. Portanto, não é inoportuno dizer que apesar de *O mez da gripe* apresentar forte contenção verbal e descritiva pela própria natureza de sua construção paratática verbo-visual, o não-dito que permeia sua construção não leva a leitura ao tédio e à fadiga, situações-limite que, segundo Iser, podem indicar o fim do jogo, o fim da participação do leitor. Ao contrário, esse dispositivo (a que podemos chamar de dispositivo histórico) dentro da obra opera como se fosse um disparador de mudança de referência para a recepção, um disparador de atualização para o leitor em relação ao potencial do texto e para a (re)construção, (re)interpretação do “objeto estético”.

Os modelos textuais descrevem apenas um pólo da situação comunicativa. Pois o repertório e as estratégias textuais se limitam a esboçar e pré-estruturar o potencial do texto; caberá ao leitor atualizá-lo para construir o objeto estético. A estrutura do texto e a estrutura do ato constituem portanto os dois pólos da situação comunicativa, esta se cumpre à medida que o texto se faz presente como correlato da consciência. (ISER, 1999, p. 9)

Se para Iser o processo de comunicação é ativado e regulado mediante a dialética mostrar/ocultar, tendo no não-dito o estímulo para os atos de constituição, mas ao mesmo tempo sendo essa produtividade controlada pelo dito e este se modificando quando vem à luz aquilo a que se referia, então, ao se erigir a ponte histórica por meio do dispositivo Demerara, outros sentidos são construídos e a leitura se intensifica, tendo os seus vazios preenchidos. O leitor circula com maior possibilidade de êxito (no campo interpretativo) dentro do texto. As representações se modificam. Exemplo: ao retornarmos aos

fragmentos da página inicial (Fig. 7) de *O mez da gripe* com uma perspectiva histórica dos eventos, veremos que, não à-toa, o relatório do Sr. Dr. Trajano Reis, diretor do Serviço Sanitário, se acha justaposto ao fragmento que diz “A paz está interrompida”. O registro histórico relata que as cidades litorâneas do Brasil sofreram antes das outras com a gripe espanhola, justamente pelo fato de que foi ali que navios contaminados, como o Demerara, atracaram:

[...] o número de gripados e mortos realmente cresceu em várias cidades, primeiro as portuárias, como Salvador e Recife, além do Rio de Janeiro. Em algumas semanas o país inteiro estava enfermo. Nos jornais a explicação corrente era uma só: a influenza ou gripe espanhola havia chegado ao Brasil, a mesma que matava na Europa e na África e que avançava pelos outros continentes. (BERTUCCI-MARTINS, 2003)

Uma tensão impõe-se, então, em *O mez da gripe*, a partir da nova leitura dos primeiros fragmentos: a gripe se aproxima de Curitiba. “A paz está prestes a ser interrompida” na cidade: esta poderia ser uma leitura desse início da narrativa, pelo motivo, assim entendemos, de se aproximar da programação prevista pelo texto. A cronologia é outro elemento importante ligado aos fatos históricos. Não por acaso *O mez da gripe* se inicia no dia 20 de outubro de 1918. Enquanto o país inteiro se achava alarmado desde início de outubro, o discurso oficial e da mídia em Curitiba evitavam ser explícitos acerca do que ocorria realmente na capital do Paraná. Apenas na página 29, dia 30 de outubro (na ficção), vemos uma nota do jornal *Diário da Tarde* (Fig. 9) tratando de modo mais claro a gripe espanhola, essa já está instalada na capital.

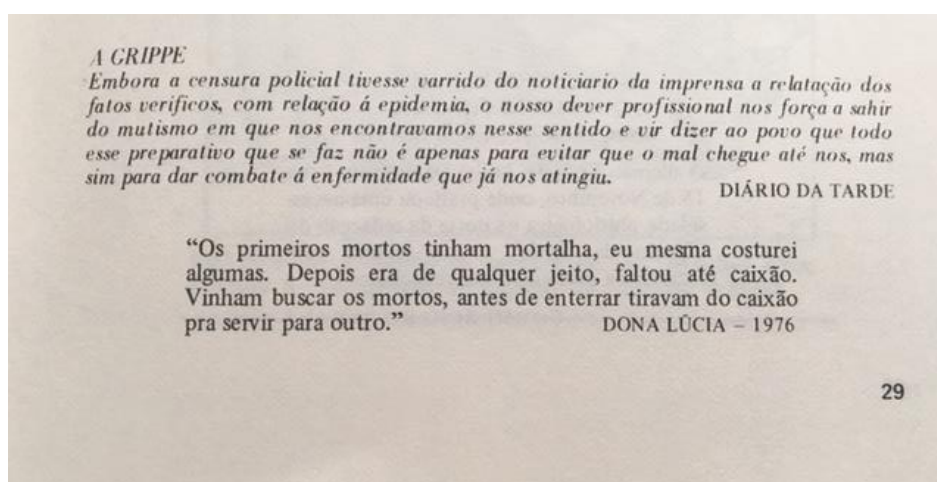


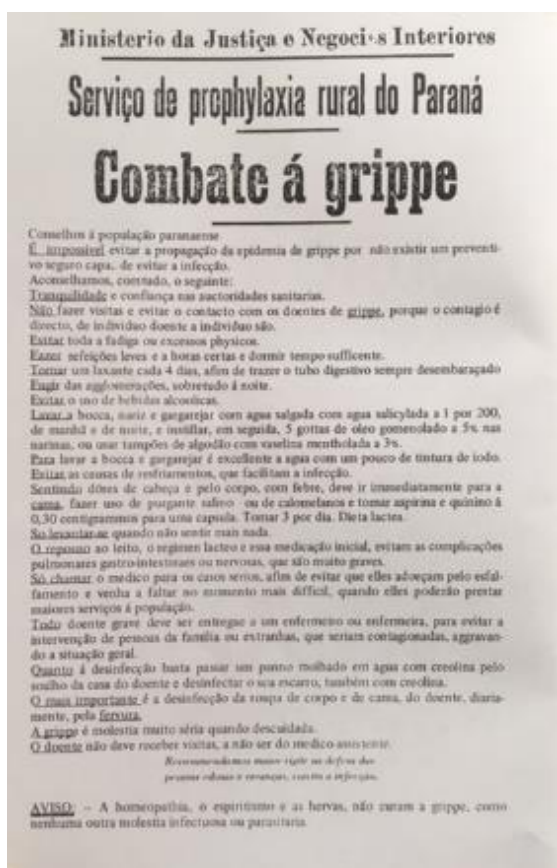
Fig. 9: Xavier, 1981, p. 29

Até tal data, ao menos na ficção, os discursos oficial e da mídia não assumem (às vezes por conta da repressão, como no caso do *Diário da Tarde*) que a gripe já é um perigo real para a sociedade. Outras localidades, logo depois da primeira quinzena de setembro de 1918, dias após o Demerara ter voltado ao Brasil, tinham um trabalho de imprensa que não tencionava ocultar os fatos:

Nos jornais a explicação corrente era uma só: a influenza ou gripe espanhola havia chegado ao Brasil, a mesma que matava na Europa e na África e que avançava pelos outros continentes. Agora, além da guerra e da fome, era a peste: a gripe espanhola, como os paulistanos rapidamente descobriram. (BERTUCCI-MARTINS, 2003)

Esse “esconder os fatos” promovido pelo discurso oficial e pela mídia em Curitiba, mostrado em *O mez da gripe*, pode ser interpretado qual uma crítica ao provincianismo local que obviamente marcava esse período. E ao contextualizarmos a leitura da obra em momentos mais atuais, podemos encontrar em *O mez da gripe* uma crítica que ainda hoje persiste em relação ao provincianismo da cidade, como vemos também nos contos de Dalton Trevisan e nas crônicas de Jamil Senege, por exemplo. Valêncio Xavier, não é impróprio dizer, disponibiliza ao leitor algumas referências do passado para que o leitor possa lidar com uma visão crítica em relação ao presente: aquela Curitiba ainda vista como um oásis dentro do país, independente de seus reais problemas. O desenrolar do tempo na obra, começando só no dia 20 de outubro de 1918, evidencia todo o processo de atraso em se admitir o mal da gripe na capital paranaense, enquanto que no resto do país, dias antes, a doença já havia sido admitida e teve início seu combate:





No Brasil, parece, pelas notícias telegráficas, que os primeiros casos de influenza foram importados pelo “Demerara”; em 26 de setembro surgia na Bahia; em 30 de setembro manifestou-se a moléstia em Niterói, depois de já grassar no Rio; a 8 de outubro, em Pernambuco, a 10 no Pará, sendo que a 12 já estava no Rio Grande do Sul. (BERTUCCI-MARTINS, 2003)

Logo depois da nota do *Diário da Tarde*, do dia 30 de outubro, segue-se o desfecho da primeira parte de *O mez da grippe*: a reprodução de uma lista de conselhos à população paranaense para o combate ao vírus influenza (ver Fig. 10).

Fig. 10: Xavier, 1981, p. 32.

Há uma mudança de tom a partir do segundo capítulo. Em definitivo, instala-se a tensão. Mês de novembro, o mês da gripe em Curitiba. Ícones fúnebres (Figs. 11 e 12) e estatísticas de morte aparecem com mais frequência (Figs. 13 e 14). Jornais rivais, *Diário da Tarde* e *Commercio do Paraná*, seguem se contrapondo. O primeiro insiste em tratar da realidade. Já o segundo, mostra



Fig. 11: Xavier, 1981, p. 36.

agora os fatos (antes ocultados); contudo, tenciona aliviar a situação, como se vê na nota da página 51, em que o jornal trata do declínio da epidemia/pandemia que, segundo os fragmentos da página 49 (Fig. 12), está praticamente em seu ápice na cidade. A frase “Agora está mesmo morrendo muita gente” (p. 47) deixa claro o real efeito da epidemia/pandemia sobre Curitiba, bem como o número de vítimas que cresce, os cinemas e lojas que fecham etc.



Fig. 12: Xavier, 1981, p. 49.

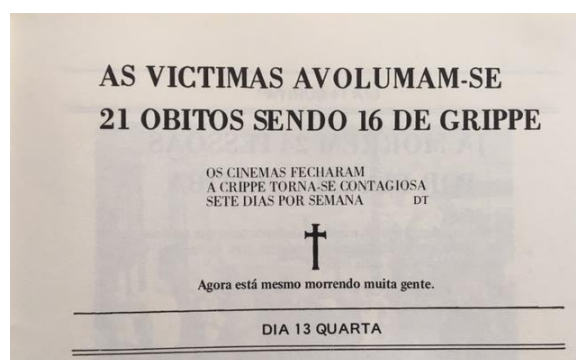


Fig. 13: Xavier, 1981, p. 47.

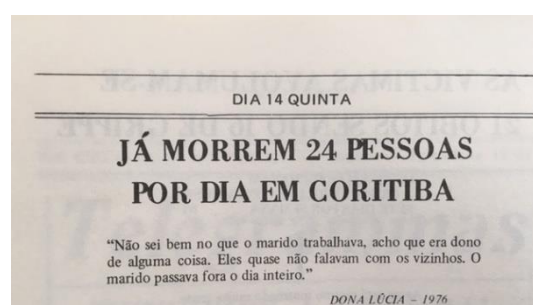


Fig. 14: Xavier, 1981, p. 48.

Tais eventos históricos relacionados aqui à construção narrativa de *O mez da gripe* não são e nem se querem suficientes em dar conta de toda a geração de sentido para a obra analisada, porém abrem uma outra perspectiva, um outro caminho para aquilo que entendemos ser uma leitura prevista pelo próprio autor (Valêncio Xavier) e sua ficção por nós estudada. Importante é também não nos esquecermos do conceito iseriano de negação, ou seja: “o questionamento de certos elementos vindos do mundo externo que, pela sua presença no texto, são de certa forma ‘ficcionalizados’” (citado em JOUVE, 2002, p. 72). A partir dessa ficcionalização, o leitor não perde de vista esses dados familiares ou em si determinados — neste caso, as referências históricas da época da gripe espanhola no Brasil e da Primeira Guerra —, no entanto, altera sua posição em relação a eles e amplifica o resultado de sua própria leitura, amplia seu repertório interpretativo. Assim, adquire uma visão mais abrangente dessa narrativa de Valêncio Xavier. Mais especificamente, como se pretendia demonstrar, pode-se ter, então, na relação (sempre a permear a obra) da gripe espanhola com a Primeira Guerra uma ponte histórica que esclarece a vinda da pandemia para o Brasil por meio dos navios que partiram com a Missão Médica em apoio aos aliados. Esse momento, marcado de forma contundente pela

morte, seja por conta da guerra ou por conta de uma pandemia, nos remete, ainda, ao leitmotiv Tântatos/Eros que trespassa *O mez da gripe* e que é tão característico da produção de Valêncio Xavier. Outras leituras, em consequência disso, são obviamente possíveis. Exemplo: uma leitura sobre a necrofilia que se dá a partir da figura do homem de bigode e as relações que esse mantém com gente enferma, quase morta. Ou ainda, um estudo sobre a simbologia da morte que constrói, em *O mez da gripe*, uma passarela por onde Tântatos desfila com desenvoltura (por meio de crimes, atos sexuais necrófilos, mortos por gripe etc.). E a força de Tântatos ganha muito mais vigor na obra quando se sabe que, apesar de não serem muitas as mortes em Curitiba por causa da gripe (384 óbitos em uma população de 73.000 habitantes), essa matou mais pessoas no mundo do que a própria Primeira Guerra, e contaminou outros tantos milhões.

Mas ao fim, Eros aflora em *O mez da gripe* na forma de um desenho de uma dama em estilo *art nouveau*, que usa um chapéu de plumas e que, para Boris Schnaiderman (1992-1993, p. 108), parece querer nos dizer que, apesar das mortes e do apocalipse, as vidas continuam, os sorrisos, os gestos dengosos, os olhares furtivos...

## REFERÊNCIAS

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Conselhos ao povo: educação contra a influenza de 1918. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n59/a08v23n59.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2018.

GALLAGER, Catherine & GREENBLAT, Stephen. *A prática do novo historicismo*. São Paulo: EDUSC, 2005.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Edufmg, 2006. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/6176952.pdf?1517569658>. Acesso em: 11 ago. 2018.

GREENBLATT, Stephen. O Novo Historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 244-261. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>. Acesso em: 21 ago. 2018.

INDIE COMIC VAULT. A Contract with God by Will Eisner. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jz7GRIUSV-c>. Acesso em: 17 ago. 2018.

REICHMANN, Brunilda; SANDRINI, Paulo. *O mez da gripe – da calamidade pública à estética híbrida*. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 90-109.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 11 nov. 2018.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. J. Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. 2v.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Birgitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LIMA, Luiz Costa (org.). O leitor demanda (d)a leitura. In: \_\_\_\_\_. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 37-66.

SCHNAIDERMAN, Boris. *O mez da gripe – um coro a muitas vozes*. *Revista USP*, n. 16, 1992-1993, p. 103-108.

XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe*. Curitiba: Casa Romário Martins, Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

\_\_\_\_\_. *O mez da gripe e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRUNILDA T. REICHMANN é doutora em Literatura Comparada pela University of Nebraska in Lincoln – UNL (EUA). Dedicou-se, durante sua pós-graduação, a romances de Thomas Hardy e de Otávio de Faria e, posteriormente, a romances de John Fowels e suas adaptações filmicas, sendo pioneira dos estudos interartes no Brasil, principalmente das relações entre a literatura e o cinema. Concluiu seu pós-doutorado em Estudos sobre a Intermidialidade pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em 2014. Além da vasta produção de artigos críticos, publicou os romances *Noves fora, três*, e *Lasso di cuore*, a coletânea *Contos curitibanos*, tradução de contos e ensaios críticos, e organizou as coletâneas *Contos dos anos 80 e 90 traduzidos do inglês*, *Relendo Lavoura Arcaica* e *Assim transitam os textos: ensaios sobre intermidialidade*.

PAULO SANDRINI é doutor pela Universidade Federal do Paraná e autor de nove livros, entre eles “O estranho hábito de dormir em pé” (contos), “O rei era assim” (romance curto), “Exposição das tripas” (obra experimental que se situa entre a poesia e a prosa), “Osculum obscenum” (romance curto), “David Toscana entre McOndo e El Crack – diálogos e divergências com a literatura latino-americana do século XX (história e crítica), “Balido do branco” (romance) e “Peixes coloridos de alto-mar (romance). Participou de coletâneas no Brasil e no exterior (Argentina, México e Peru), entre elas “Contos cruéis – as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea”, “Futuro Presente” e “Geração Zero Zero – fricções em rede” (coletânea que teve por critério gerar um painel dos autores mais expressivos surgidos no início do século XXI, no Brasil).

REICHMANN, Brunilda; SANDRINI, Paulo. *O mez da gripe – da calamidade pública à estética híbrida*. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 90-109.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 11 nov. 2018.